

ENTREVISTA | RODGER KLINGLER

O 'Johnny' da Alemanha

O alemão que queria virar cozinheiro no Brasil e acabou na cadeia por traficar cocaína conta tudo em livro

Manuela Andreoni

Rodger Klingler, um alemão nascido em Nuremberg há 44 anos, veio ao Rio pela primeira vez com um objetivo claro: morar e trabalhar aqui. Aos 18, desembarcou na nossa praia de Copacabana com 3 mil marcos no bolso e a vontade de virar cozinheiro. Seis meses depois, não tinha mais nem uma coisa nem outra. Foi preso no Galeão com um quilo de cocaína que planejava vender na Alemanha. *Memórias do submundo*, lançado pela Editora BestSeller, é a história autobiográfica de Klingler. Neste que é seu segundo livro (o primeiro é *A vida dos demais*, lançado na Alemanha em 2005), o escritor e roteirista conta o inferno por que passou nos quatro anos que passou entre as prisões Agua Santa, Galpão e Lemos de Brito.

Mesmo sem nunca ter experimentado drogas antes de chegar ao Brasil, custou a Klingler apenas dois meses para se tornar um "viciado total", nas palavras do próprio, em cocaína. O grande problema é que esse não foi o maior dos erros deste aventureiro europeu.

Quando percebeu que a droga que custava R\$ 15 aqui poderia valer até mil reais na Alemanha, decidiu se tornar traficante. Não deu certo. Em 23 de dezembro de 1984, foi pego com a droga escondida no casaco — "ideia estúpida", reflete hoje, rindo. A cidade dos sonhos se transformou num lugar imundo que tinha que dividir com até 35 outros presos. Em entrevista ao **Jornal do Brasil**, por telefone, Klingler conta os detalhes de sua maior tragédia pessoal.

Além de contar sua história, do que fala exatamente 'Memórias do submundo'?

— O livro fala do professor Arthur, que foi quem me salvou. Ele era a luz no meio do escuro. É dedicado a esse homem. Ele fez isso voluntariamente. Pensava que todo mundo nascia igual, mesmo criminoso. Além disso, quero chamar atenção às circunstâncias em que se encontram as penitenciárias brasileiras. A cadeia em qualquer lugar do mundo reflete a sociedade daquele lugar. Eu acompanho isso há mais de 20 anos de longe. Eu amo o Brasil, aprendi aí. Deus é brasileiro, sim. O Brasil não merece uma coisa dessas.

Como você pode comparar o Rio que você conheceu dentro e a cidade maravilhosa que viu fora da cadeia?

— Você anda no Rio e já vê a pobreza. Essa pobreza que você vê em frente a um prédio rico, quando repara em dois garotinhos se drogando na rua. Isso que você está vendo você vê na cadeia também. Só que mais sujo. O rico continua sendo rico e o pobre continua sendo pobre. Certas pessoas na vida não têm muita escolha.

Você mencionou que gostaria que o José Padilha ('Tropa de elite') fizesse um filme do seu livro...

— Ele é uma pessoa que, como eu, dá uma voz às pessoas que não têm voz na sociedade: os fracassos. Eu ainda não falei com ele. Para falar com pessoas como ele, elas é que têm que querer falar com você. O livro é perfeito para virar filme. Por enquanto só eu acho isso. Meu principal projeto é transformar esse livro em filme.

>> Perfil

Rodger Klingler

Nasceu em Nuremberg, na Alemanha, em 1964. Hoje vive em Ingolstadt e trabalha como roteirista. Deixou a cadeia no Brasil em 1989. *Memórias do submundo* é seu segundo livro.

Você não pode entrar no Brasil e nem conseguiu vir lançar o seu livro no Brasil. Faz muito tempo que você tenta voltar?

— Há dois anos fiz um pedido ao Ministério da Justiça. Mas, sem advogado, você não consegue nada e agora eu não tenho dinheiro para isso. Espero conseguir entrar no Brasil este ano. Sou otimista.

Vamos falar da sua história. Por que você veio ao Rio pela primeira vez? Já planejava morar aqui?

— Desde jovem, com 11, 12 anos, eu tinha a imagem do Pão de Açúcar na minha cabeça. Nem sei explicar de onde veio. Com 18 anos, decidi ir ao Rio para morar. Estava brigado com a minha família. A minha ideia era trabalhar como cozinheiro.

O que mudou?

— Nessa época, eu não usava droga nenhuma. São as pessoas erradas que você encontra. É você acostuma, vive com eles. Logo no início, conheci um alemão. Só depois fui saber que ele era viciado. A gente se conheceu num café na Avenida Atlântica, onde eu tinha um apartamento. Começamos a conversar porque ele também era alemão. Ele me ofereceu (cocaína) já no início. Todo mundo que eu conhecia cheirava. Eu resisti durante um tempo. Demorou dois meses para eu cheirar também. Fui fraco... Isso só acontece com pessoas fracas. Como eu gosto de ser independente, logo comecei a comprar.

Quanto tempo o dinheiro que você trouxe ao Brasil durou?

— Voltei à Alemanha depois de seis meses no Brasil. Queria trabalhar como cozinheiro para arranjar o dinheiro para comprar um quilo de cocaína aí e levar para lá. Fiz os contatos com as pessoas para saber com quem falar para vender. Uma amiga minha do Rio, a Cristina, fez os contatos do Brasil com o cara da favela que ia me vender. Ele é uma das pessoas que têm uma voz na favela. Ele era estudioso e muito bem lido, não tinha jeito de criminoso e também tinha os contatos que vendem essa quantidade.

Conte como foi o dia em que você foi preso.

— Dia 23 de dezembro de 1984. Tinha um amigo me esperando para o Natal. Era o último voo do dia para Frankfurt. O maior erro que eu cometi foi cheirar durante essa operação toda. Perdi o controle sobre tudo. Essa solução de esconder a mercadoria no casaco foi muito estúpida da minha parte. Eu estava levando dinheiro caso acontecesse alguma coisa. Foi o funcionário do aeroporto que descobriu. Eu tinha levado dinheiro, mas ele queria mais. Eu implorei... A Polícia Federal que me levou. Fui para a Praça Mauá. A coisa mais horrível é quando você entra no camburão. Você não tem espaço, é muito pequeno. Foi o primeiro sofrimento. Fui para a cadeia da Praça Mauá. De todas as cadeias que eu passei, era a melhor. Mas cada



KLINGLER — Recado direto a José Padilha para que seu livro vire filme e lembranças do sistema carcerário

“ Em 2007 fiz um pedido ao Ministério da Justiça. Mas, sem advogado, você não consegue nada e agora não tenho dinheiro para isso. Espero conseguir ir ao Brasil este ano

“ Rio porque é uma coisa muito séria. Escrever o livro foi difícil porque tive que lembrar de coisas que queria esquecer. Para que isso não me toque tanto, levo a história com uma atitude leviana

cadeia tinha um jeito especial de coisas grosseiras.

Você ri mesmo quando fala desses momentos difíceis pelos quais você passou...

— Eu rio porque na verdade é uma coisa muito séria. Escrever o livro já foi difícil porque tive que lembrar de coisas que eu queria esquecer. Para que isso não me toque tanto, eu procuro levar a história com uma atitude leviana. Isso se mostra talvez numa risada.

O livro foi lançado apenas no Brasil. Você pensa em publicá-lo em outros países também?

— Ofereci o livro em algumas editoras aqui da Alemanha também. Mas ninguém quis saber. Essa história é do Brasil. Precisa ser publicada no Brasil. Eu quero que esse livro faça sucesso... É muito difícil viver da literatura. Acho que eu escrevo tão bem quanto os escritores dos livros mais vendidos. Eu não quero dizer que eu sou Paulo Coelho. Mas se a pessoa ler a primeira página, não vai querer parar. Eu estou fazendo um *strip* espiritual nesse livro. Mas não me importo. Você

tem que deixar o leitor entrar na sua alma.

Você saiu da cadeia em 1989. Por que escrever esse livro agora, depois de tanto tempo?

— Não quis publicar como primeiro livro uma biografia, como muitos autores. Fiz esse livro como escritor. Não quis que a literatura me visse como um ex-presidiário que escreve uma biografia. Também escrevo outras coisas. Mas já tinha o livro em mente antes. Ele começou a aparecer na minha cabeça há 15 anos.

E como você se sente em relação a tudo atualmente?

— Vou te contar um segredo: hoje é meu aniversário. A notícia que o **Jornal do Brasil** iria me entrevistar sobre o livro é um sonho. Eu estou realmente muito feliz. É um grande presente.

>> Nas livrarias

Memórias do subsolo
Rodger Klingler. Editora BestSeller. 384 pg. R\$ 29,90